

UMA ETNOGRAFIA DA SOCIOLOGIA DA VIDA COTIDIANA DA COMUNIDADE CIGANA CALON NO SERTÃO DA PARAÍBA: ECOLOGIA POLÍTICA LATINO-AMERICANA E ECOFEMINISMO¹

Luan Gomes dos Santos de Oliveira²

RESUMO:

A problematização de como se materializa no cotidiano o protagonismo feminino na comunidade cigana Calon do Sertão da Paraíba é um espaço favorável para uma leitura via ecologia política feminista e Sociologia da Vida Cotidiana. Essa informação tem sido ao longo dos anos marginalizada, em virtude de uma narrativa hegemônica que situou as mulheres como um elemento residual, ínfimo, simples. São as vozes delas que de certa maneira se destacam neste trabalho, mas não são vozes que se encerram em si mesmas, apontam as desigualdades entre os gêneros e abrem um caminho de contestação do patriarcado que oprime mulheres e homens. Então, como pautar o protagonismo feminino como um problematizador das relações de gênero no cotidiano da comunidade cigana Calon no Sertão da Paraíba, incluindo os marcadores sociais de diferença, gênero – classe – etnia - território pelas lentes da sociologia da vida cotidiana, da ecologia política e do ecofeminismo?

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade Cigana Calon. Ecologia Política. Terra. Imagens. ecofeminismo.

ABSTRACT:

The problematization of how the female protagonism in the gypsy community Calon do Sertão da Paraíba materializes in daily life is a favorable space for a reading via feminist political ecology and Sociology of Everyday Life. This information has been marginalized over the years, due to a hegemonic narrative that placed women as a residual, tiny, simple element. It is their voices that in a way stand out in this work, but they are not voices that

¹ Trabalho apresentado no 45º Encontro Anual da ANPOCS, no SPG20, Experiências etnográficas entre povos ciganos no Brasil e América Latina, coordenado por Edilma Nascimento (UFRN) e Juliana Miranda Soares Campos (UFMG).

² Doutorando em sociologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Licenciado e Bacharel em ciências sociais (UFRN). Docente da Universidade Federal de Campina Grande/UFCEG. Email: luangomessantos@terra.com.br

end in themselves, point out the inequalities between genders and open a path of contesting the patriarchy that oppresses women and men. So, how to guide female protagonism as a problematizer of gender relations in the daily life of the Calon gypsy community in the Sertão da Paraíba, including the social markers of difference, gender – class – ethnicity – territory through the lenses of sociology of everyday life, political ecology and ecofeminism?

KEYWORDS: Calon Gypsy Community. Political Ecology. Earth. Images. Ecofeminism.

1. Construindo uma caminhada

Não é verdadeiramente extraordinário perceber que, desde quando os homens começaram a andar, ninguém jamais perguntou por que eles andam, como andam, se andam, se podem andar melhor, o que conseguiram andando, se podem não ter os meios para regular, alterar ou analisar o seu andar: questões que afetam todos os sistemas de filosofia, psicologia e política com os quais o mundo está preocupado?

Honoré de Balzac (1938[1883]: 614).³

Escrevo, penso, sinto e caminho são atitudes metodológicas que acompanham as formas como estabeleço o meu contato com o mundo. A epígrafe acima, supracitada, do poeta Honoré de Balzac, inspira a me auto-sentipensar num universo de andarilhagens, a aproximação com o Povo Cigano me permite aprender a pensar de maneira nômade, transeunte, tanto no sentido de uma epistemologia que se encontra na margem, isto é, no interesse pelas vozes silenciadas historicamente, assim também, por uma obsessão marcada pelo desejo de conhecer os chãos desse mundo. Assim como os ciganos e as ciganas, me situo no pensamento e na vida cotidiana, entre dois mundos, e como um

³ Está no ensaio a “Teoria do andar.

morador do mundo, um andarilho (INGOLD, 2015), que se inscreve nas cosmopolíticas (STENGERS, 2018) da vida cotidiana.

Enfim essas primeiras passagens refletem uma caminhada, que toma a terra, não como um ponto fixo no espaço, nem como uma propriedade privada, mas como “O “cosmos”, no sentido que tentarei transmitir, pouco tem a ver com o mundo no qual o cidadão antigo, por toda parte, se afirmava em seu território, nem com uma terra por fim unificada, onde cada um seria cidadão. É exatamente o contrário” (STENGERS, 2018, p. 444). Sem dúvida, a relação de interlocução com o povo cigano Calon, estabelece um itinerário a ser percorrido no sentido epistemológico e etnográfico, partido do ser marginal (MARTINS, 2020) ao estrangeiro (SIMMEL, 2005, p. 182), isto é, um ser que vive e concebe a “liberação de qualquer ponto definido no espaço”.

Após uma releitura de pesquisas sociológicas e antropológicas a respeito dos povos ciganos fui provocado a explorar regiões epistemológicas do fenômeno que quero me debruçar na escrita da tese de doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel, sob a orientação do Prof. Dr. William Soto. Na medida que fui realizando as leituras das diversas matérias entendi que a escolha de uma base epistemológica de teoria social será fundamental para compreender: Quais são os sentidos da terra para os povos ciganos Calon em Sousa/PB numa perspectiva da sociologia do cotidiano e da epistemologia bachelardiana, incluindo etnia-raça-classe - gênero-geração?

Tendo como objetivos *a priori* delimitados: Compreender os sentidos imagéticos de durabilidade, temporalidades, ritmos sobre a terra atribuídos a partir de uma leitura crítica e ecofeminista das relações de gênero acompanhada dos marcadores sociais de diferença de classe, etnia, ancestralidade e sonhos na vida cotidiana da Comunidade Cigana Calon, no contexto do alto sertão da Paraíba. Compor uma etnografia marginal da duração da Comunidade Cigana Calon em Sousa/PB a partir dos aspectos gênero-etnia-classe-geração-meio ambiente. Entender como a relação com o território perpassa o modo de vida da Comunidade Cigana Calon em Sousa/PB moldando a constituição da sociabilidade cotidiana e os conflitos socioambientais. Analisar as experiências ciganas imagéticas, sociais, culturais e ecoterritoriais e seu vínculo com a terra. Compreender pela ecologia política como chave de leitura dos processos de uma dialética da sociologia do espaço dos sonhos.

Esses sentidos da terra, acompanhariam uma leitura de ecologia política dos conflitos socioambientais no interior da Comunidade Cigana Calon, seja na luta pela ocupação da terra, pelo acesso a água encanada e de qualidade, pelo acesso à moradia, enquanto um direito de sobrevivência. Mas tudo isso, se aprofundou em um conflito de ordem cultural, quando a Comunidade foi ameaçada por empresários da especulação imobiliária local, de despejo da terra em que viviam fixados há mais de 30 anos. Essa temporalidade marcada por regimes de mobilidade, uma vez que ciganos e ciganas calons não deixaram de viver numa dialética entre nomadismo-sedentarismo.

Essa interface entre nomadismo e sedentarismo então pode ser mais facilmente – entendida num contexto de (im) possibilidades de luta e acesso à terra. Há que se pesquisar se existe, de fato, uma luta de acesso à terra por essas ciganas e ciganos. Ou se é uma luta por existência, *tout court*, e, claro, melhores condições de vida e infra-estrutura (urbana?).

A Comunidade aqui vive entre sedentarismos e nomadismos, há mais de 30 anos vivem territorializados numa região afastada do centro da cidade, aqui no Sertão da Paraíba. Inclusive foram ameaçadas por empresários do ramo imobiliário de expulsão da terra em que vivem. Nessa terra em que vivem, os costumes ainda mantêm uma tradição, mas já reconhecem ou estão em vias de reconhecimento, que vivem em condições de desigualdades sociais e frágil acesso aos direitos.

Aqui no Sertão da Paraíba, muitos ciganos e ciganas, cerca de uma população de aproximadamente 3000 mil pessoas, subdividida em quatro ranchos, com destaque para aproximadamente 300 crianças. Essa população tem reclamado do não reconhecimento por parte do Estado brasileiro, de sua etnicidade, enquanto povo tradicional, ao lado dos povos indígenas e quilombolas. Essa falta de reconhecimento vem fragilizando por anos as suas vidas, impedindo os mesmos de acessarem direitos de moradia, educação, acesso a água encanada, a equipamentos de saúde com atendimento adequado a cultura específica. Acredito que o velho anticiganismo que reproduz estereótipos da vida cigana, como aqueles e aquelas que são sujos/as, ladrões, perigosos, bruxas, sexualização de seus corpos, provoca uma desterritorialização de suas performances que enredam uma perspectiva de corpo-território.

Seus corpos como espaços são territórios vivos, trazem as marcas de lutas e resistências, talvez configurando-se como um repertório que se move da barraca para um morar com direito a cidade. Assim, a barraca, os corpos, os pés nos barro das ciganas e dos ciganos Calon, expressam costumes, mas também desigualdades, num contexto de sedentarismo, mesmo que a condição de perambular os marque, as condições objetivas e subjetivas, apontam para temporalidades que se direcionam para transformações no interior da comunidade.

Se os corpos dos ciganos e ciganas são territórios vivos, acredito que ao corpo deles e delas se imputaram experiências que merecem ser estudadas pela Sociologia com o auxílio da Antropologia. Esse caminhar com os pés no barro aponta para fios, como linhas, como imagens que são reproduzidas pelo olhar, pelo sentir, pelo fotografar, pelo escutar as dinâmicas do cotidiano numa perspectiva martiniana, de enfoque da sociologia brasileira. Como problemática da pesquisa, algo que ficou latente na interlocução com o campo foi uma pergunta que de certa forma orientará as linhas de construção dessa pesquisa:

Entre nomadismos e sedentarismos, o espaço da comunidade cigana Calon foi sendo alterado por meio de temporalidades contínuas e descontínuas. Mediante a marginalidade em que foi posta o povo Cigano, como este imagina os seus itinerários na terra que habitam? Como concebem e vivem na Terra em que habitam?

2. Os primeiros contatos com a Comunidade Calon em Sousa/PB

Na ânsia de conhecer o futuro e de nele nos reconhecermos, a nossa sociologia tem deixado de lado o presente e o atual, mesmo quando trata das urgências que nos afligem, como a pobreza, a violência, a injustiça, a opressão. Uma sociologia que tende ao conhecimento que nos nega em nome daquilo que não somos. Uma sociologia dominada pelo afã de poder e não pelo afã de emancipação do homem, de todo ser humano, daquilo que empobrece sua condição humana e bloqueia sua humanidade possível.

José de Souza Martins

A cultura do campo, do sertão moldou meu olhar socioantropológico e a minha maneira de me colocar no mundo. O encontro com a Sociologia Martiniana e com a

Cosmologia da Comunidade Cigana Calon reacenderam o desejo de pesquisar, de colaborar com a construção de uma sociologia que tenha como coadjuvante a antropologia de populações que vivem a margem do capitalismo financeiro na contemporaneidade. Assim, este compromisso político e epistemológico se situa:

É nos limites, nos extremos, na periferia da realidade social que a indagação sociológica se torna fecunda, quando fica evidente que a explicação do todo concreto é incompleta e pobre se não passa pela mediação do insignificante. É nesses momentos e situações de protagonismo oculto e mutilado dos simples, das pessoas comuns dos que foram postos à margem da História, do homem sem qualidade que a sociedade propõe ao sociólogo suas indagações mais complexas, seus problemas mais ricos, sua diversidade teoricamente mais desafiadora. São os simples que nos libertam dos simplismos, que nos pedem a explicação científica mais consistente, a melhor e mais profunda compreensão da totalidade concreta que reveste de sentido o visível e o invisível. O relevante está também no ínfimo. É na vida cotidiana que a História se desvenda ou se oculta (MARTINS, 2018, p. 12).

O primeiro contato com a Comunidade Cigana Calon no município de Sousa/PB, no sertão paraibano, se deu pelo fato de lecionar a uma estudante de origem cigana no campo das ciências humanas e sociais, no contexto de uma disciplina chamada Direitos Sociais no ano de 2019. A aproximação com a estudante cigana e com a temática direitos sociais permitiu compreender que a comunidade cigana calon em Sousa sofre com o anticiganismo, exemplo disso é o fato da Comunidade ter sido ameaçada por grandes empresários de despejo de suas terras que ficam localizadas na fronteira com a cidade, como também não compõe as pesquisas nas ciências sociais aplicadas nas universidades do sertão da Paraíba.

Além disso, a participação em uma pesquisa de edital CNPq Universal em tempos de Covid-19 a partir do mês de agosto de 2020 possibilitou uma aproximação sistemática e consistente à comunidade sublinhando as relações de gênero e meio ambiente pelo prisma da ecologia política no contexto da vida cigana, uma vez que outras pesquisas antropológicas (GOLDFARB, 2003) e (CUNHA, 2018) apontaram a emergência de uma liderança feminina, porém não destacam como esse fato implicou nas transformações do cotidiano e nem visibilizavam a compreensão dos e das ciganas e ciganos sobre o protagonismo feminino, numa etnia reconhecidamente marcada pela hierarquia entre os gêneros.

Para demarcar um enfoque sociológico e ecofeminista, a pesquisa será guiada no eixo de gênero e meio ambiente pelo pensamento de Loreley Garcia (2017) e pela Sociologia da Vida Cotidiana de José de Souza Martins (2020). É a partir dessas pesquisas que partimos a investigar o modo de existência da comunidade Calon, não somente numa perspectiva de compreender as suas tradições e narrativas míticas, mas politizá-las no contexto do território cigano, que resiste para se manter vivo, enquanto sujeito coletivo de direitos sustentado em um território.

Além disso, alia-se a essa base teórica a concepção sociológica e filosófica do ecofeminismo a partir da perspectiva da pensadora Vandana Shiva (1988, 1989, 1993, 2003), que nos possibilita compreender essa problemática de pesquisa sob um horizonte de totalidade, incluindo aspectos de abordagens essencialistas numa perspectiva de cuidado, um saber ancestral comum as mulheres e a Terra Mãe, e complementando criticamente com aspectos de abordagens construtivistas, que questionam o pensamento único, a economia capitalista, o patriarcado que estão na base da lógica de domínio da natureza e da opressão das mulheres. Assim numa via de complementaridade, a ecologia política latino-americana feminista a partir do pensamento de Maristella Svampa (2019) como um projeto de sociedade mundo, de sociedade em movimento que questiona o extrativismo dos recursos naturais associado ao patriarcado.

Do ponto de vista social, da relevância deste projeto, procura dar visibilidade a atuação da comunidade cigana como sujeito de direitos, circunscritos na Constituição Cidadã de 1988. Esse marco legal, do ponto de vista dos direitos sociais e políticos, inclui os ciganos e as ciganas como um "povo tradicional" com direito a um acesso igualitário à cidadania desde uma perspectiva diferenciada.

Assim como se insere nos eventos de ordem internacional como a construção de uma Agenda 21 Global que sugere a inclusão das lutas das mulheres na esteira das questões ligadas ao Desenvolvimento Sustentável mediadas pela equidade de gênero

Por fim, mas não menos importante, este projeto de tese não centra na análise dicotômica que fragmenta natureza/cultura e nem mulher/homem, no entanto recupera num tom político de protesto as opressões históricas em curso contra as mulheres e a natureza. É relevante sublinhar que o patriarcado se reproduz pelo capitalismo, o que não

significa que a autocrítica do masculino pelo feminino não é de demonização do homem, mas de luta pelo reconhecimento das mulheres enquanto sujeito.

Esse protagonismo reforça a equidade de gênero, e convoca a todos e todas a construir coalizões (COLLINS, 2015) efetivas, compartilhando uma causa comum a emancipação humana, que inclui eticamente a libertação das mulheres, da natureza e dos homens do paradigma sexista, falocêntrico, especista, androcêntrico, racista, classista, na direção do ecofeminismo. É do lugar de coalizão, de reforçar o compromisso ético e político com a causa comum que se centra este estudo.

3. Da Terra às imagens da terra: compondo com pés uma etnografia marginal da duração e da vida cotidiana

Com isso, esta proposta de pesquisa doutoral tem como problema central compreender os sentidos atribuídos a terra numa perspectiva de Sociologia do Espaço (SIMMEL, 2013), da vida cotidiana (LEFEBVRE, 1965; MARTINS, 2020) e Etnografia da Duração (EKERT, 2013) em conexão com aspectos interseccionais de etnia-classe-ancestralidade em chave ecofeminista. Parte-se da matriz epistemológica, política e ecológica de estudos sociológicos com ciganos e ciganas (MONTEIRO, 2015, 2019), BATISTA, 2017, 2018; GOLDFARB, 2004, 2010, 2018; CUNHA, 2018, SIQUEIRA, 2012), e a perspectiva do ecofeminismo (SHIVA, 1988, 1989, 1993, 2003; GARCIA, 2017; SVAMPA, 2019). A pesquisa é de natureza qualitativa baseada em roteiros de entrevista e etnografias a partir de uma sociologia da vida cotidiana (MARTINS, 2020).

A principal motivação desta pesquisa radica em realizar uma leitura sociológica, de gênero, interseccional e ecofeminista de processos sociais específicos da Comunidade Cigana Calon em Sousa/PB, no Sertão da Paraíba, vinculando o protagonismo feminino e as maneiras de cuidar dentro da comunidade a uma relação específica com o ambiente circundante na contemporaneidade. Essa leitura sociológica busca apreender o concebido e o vivido em termos lefebvrianos, a partir das imagens e fotografias sobre a terra, do ponto de vista dos ciganos. Nas pesquisas existentes, as/os calons em Sousa/PB passam por um processo de invisibilidade histórica, situando-se a margem da vida da cidade, marcados pelo preconceito e anticiganismo, o que implica diretamente na fragilidade de promoção de políticas públicas e sociais na própria comunidade. Isso é embasado no fato da

população cigana ainda ser estigmatizada como um povo “sujo”, esperto, ladrão: essas representações convivem na cultura da cidade de Sousa/PB e dificultam o acesso ao livre direito à própria cultura e território.

É na cidade de Sousa/PB que se encontra uma das maiores partes da população cigana no Brasil. A comunidade, com aproximadamente três mil habitantes, é constituída por quatro grupos que estão situados territorialmente próximos à BR 230, a 3 km do centro do município, na periferia da cidade, próximos à sede do Instituto Federal de Educação e Tecnologia da Paraíba/IFPB. Há mais de 30 anos aproximadamente, desde a década de 1980, esses grupos passaram a se sedentarizar no território da cidade, atuando desde ali na construção política e identitária de seu território. É fundamental aprimorar o conhecimento sobre essa comunidade para construir um corpus consistente de histórias orais, de narrativas sobre os seus modos de construir na vida ligada a terra, de forma sociológica.

Dessa forma, a base epistemológica em que se sustenta a ideia de ecologia política feminista como um projeto de sociedade mundo, ou de sociedade em movimento é marcada pelo protagonismo de mulheres no Sul global no engajamento das lutas socioambientais e na produção de conhecimentos. Essa informação tem sido ao longo dos anos marginalizada, em virtude de uma narrativa hegemônica que situou as mulheres como um elemento residual, ínfimo, simples. São as vozes delas que de certa maneira se destacam neste trabalho, mas não são vozes que se encerram em si mesmas, apontam as desigualdades entre os gêneros e abrem um caminho de contestação do patriarcado que oprime mulheres e homens. No âmbito da Sociologia poucas pesquisas se realizaram neste campo. Já na Antropologia os estudos sobre ciganos, não incorporam o elemento de uma sociologia do espaço, do tempo, dos ritmos.

De certo modo, todas as formações sociológicas até aqui consideradas retrataram a contiguidade inerte do espaço: a delimitação e a distância, a fixidez e a vizinhança são como continuidades das configurações espaciais para dentro da estrutura da humanidade, que se distribui no espaço. Esse último fato vincula consequências totalmente novas à possibilidade de que os seres humanos se movam de lugar em lugar. Devido a isso, os condicionamentos espaciais da existência dos seres humanos em fluidez (SIMMEL, 2013, p. 99).

No espaço que implica na vida cotidiana do povo cigano, as territorialidades são produzidas pelos diversos atores sociais, desde a comunidade cigana, homens, mulheres, crianças, idosos, Estado, empresários. Diante disso, é necessário “visualizar o

posicionamento dos diferentes atores em conflito e, a partir desse posicionamento, analisar as dinâmicas sociais e políticas” (SVAMPA, 2019, p. 55).

A ecologia política latino-americana expõe que a raiz que funda a sociedade capitalista, patriarcal, neoextrativista é a colonialidade do poder, processo apontado por Quijano (2005). Assim o território é um espaço de produção de saberes e de res-existência (PORTO GONÇALVES, 2011) isto é, é preciso incluir na análise dos conflitos socioambientais a diversidade territorialidades que se expressam em diferentes lógicas e racionalidades que distinguem valores e éticas. Essa ecologia política crítica toma como um dos eixos de análise a perspectiva do ecologismo dos pobres (ALIER, 2018) que expõe no marco das lutas socioambientais o protagonismo de comunidades e grupos sociais subalternizados frente a lógica de mercantilização da vida.

Para tanto, requer-se observar isso no plano de uma análise sociológica da comunidade cigana Calon, no sentido de que vários conflitos socioambientais dinamizam com tensões a vida cotidiana. Tais conflitos socioambientais são entendidos como: “Aqueles ligados ao acesso e ao controle dos bens naturais e do território, que confrontam interesses e valores divergentes por parte dos agentes envolvidos, em um contexto de grande assimetria de poder. Tais conflitos expressam diferentes concepções do território, da natureza e do ambiente” (SVAMPA, 2019, p. 46).

Nesse sentido, cabe apontar os conflitos socioambientais que atingem diretamente a comunidade cigana calon no sertão da Paraíba, desde o racismo ambiental, uma vez que a comunidade foi segregada espacialmente e territorialmente da cidade, vivendo em uma fronteira, que os marca negativamente como um povo perigoso, sujo. Outro conflito socioambiental são as condições desiguais de acesso a água potável, a moradia, acesso aos programas sociais e políticas sociais.

Além disso, outro processo de conflito socioambiental emergiu nos últimos anos, a desapropriação das terras em que estão assentados há 30 (trinta anos), algo exigido por empresários do sertão que as querem para especulação imobiliária, desrespeitando todo um processo histórico, político, social, territorial que funda a existência material e simbólica da cotidianidade cigana. Sem essas terras as suas vidas estarão comprometidas. Como resposta a isso, há em curso na comunidade um protagonismo feminino cigano. Esta

fronteira é paradoxal na constituição do território e das territorialidades que semeiam espaços de protagonismo feminino.

O ecofeminismo é um movimento político e epistemológico que surge em 1974 na obra da pensadora francesa Françoise d'Auboune. Esta obra defende a emancipação humana das mulheres em convivência com a preservação da natureza. Por isso, realiza uma crítica ao pensamento ocidental de dominação masculina da mulher e da natureza. Em suas origens há três vias, a perspectiva cultural radical, a marxista, a das religiões orientadas por culto à deusas, pautada na corrente de ecologia profunda, configurando o ecofeminismo numa teoria das conexões.

O ecofeminismo pode ser concebido como uma das estratégias para se enfrentar a razão instrumental que fundamenta as relações mercantis reproduzidas na sociabilidade do capital. Nesse sentido, se comporta como um imperativo ético que questiona os modos de produzir o conhecimento, as relações de gênero no contexto do patriarcado, a crise ecológica de base sexista e do “mau desenvolvimento”, expressão cara a pensadora ecofeminista Vandana Shiva, que em sua obra coletiva com a Maria Mies, *Ecofeminismo* (1988), atestando e denunciando que há uma conexão entre o sistema patriarcal/capitalista com a opressão histórica das mulheres no mundo.

As ecofeministas questionam não só o antropocentrismo, mas o androcentrismo, rumo a uma visão complexa que abarque a ideia fundamental de que as relações hierárquicas que instauram desigualdades entre mulheres e homens e a superexploração da natureza são parte de um mesmo fenômeno (ORTNER, 1996). De forma a complementar este debate sobre o sagrado a comunidade cigana calom preserva parte de seus rituais sagrados em conexão com a natureza, inserindo a dinâmica dos quatro elementos que mitologicamente compõem o mundo, o ar, o fogo, a água e a terra. Não se vêem separados do meio ambiente, seus corpos são como partes vivas do território.

Por causa de seu nomadismo histórico e do anticiganismo agudizado durante a segunda guerra mundial (1939-1945), tiveram que estrategicamente sincretizar suas divindades, adotaram a deusa Santa Sara Kali, a qual cultivam devoção. Além disso, as mulheres são iniciadas nos rituais cartomancia e quiromancia, tradicionalmente usam as forças míticas da natureza como guias sagrados. O ecofeminismo conforme Garcia (2017) permite a reconexão da humanidade com a natureza a partir de seu interior.

A constituição de uma sociologia da vida cotidiana da Comunidade Cigana calon repercute no questionamento de quem são, o que são, como se formaram, e como mantem as suas tradições de serem nômades e sedentários, e como isso se conjuga na construção de uma identidade, ou de uma etnicidade construída no território físico e simbólico (MOONEN, 1996). Nessa pesquisa, o conceito de etnicidade é pautado no pensamento do antropólogo Frederik Barth (2000), que faz uma crítica a redução de etnicidade a perspectiva meramente cultural, de identificação de traços físicos, ou tradicionais. A construção da identidade étnica dos ciganos/as configura-se como um processo coletivo, por isso eles passam a mediar a sua existência no território nacional e local, chamando a atenção dos órgãos públicos na demanda por direitos e políticas públicas e sociais.

Com a Constituição Federal de 1988, o Estado atua como protetor e promotor de ações, políticas e garantias de direitos aos povos tradicionais. Sendo o povo cigano, um povo tradicional por meio do Decreto 6040/2007, pois são: “Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição”.

A busca por um texto de ordem teórica e empírica provocou-me a escutar e observar a proximidade que tenho construído enquanto pesquisador de temas ligados as sociedades camponesas e em especial ao Povo Cigano Calon que reside há mais de 30 anos no Sertão da Paraíba. Então, iniciei uma pesquisa em bases documentais e escutei um pouco os atores que constituem o campo da pesquisa. Escolhi dessa maneira um texto científico que complementa criticamente o estudo que pretendo em breve fazer no doutorado: o texto “O homem marginal e a Sociologia Brasileira” de autoria do Sociólogo latino-americano Soto Gómez.

O autor propõe um panorama teórico-metodológico em torno da noção de homem marginal, tratando de mapear outros autores que colaboraram no estudo desse tema. Entre esses estão Florestan Fernandes, José de Souza Martins, Robert Park, Georg Simmel, Roger Bastide pesquisadores que se dedicaram a estudar o cotidiano caótico que ora se torna visível e ora invisível, no interior de processos históricos marcados por esse aspecto

desvelador das contradições da sociedade brasileira. Soto Gómez (2019, p. 03) trouxe a noção de homem marginal, como método de investigação, isto é,

[...] o estudo do homem simples, daquele que vive no limite, na crise, armazenado pela modernidade, onde se encontra a chave para a explicação sociológica de uma sociedade em que persistem as formas sociais de um mundo tradicional, que não desaparece e que se propõe como crítica e contraponto ao “mundo moderno”, ainda que de maneira insuficiente.

Além disso, o autor no desdobramento do seu argumento central, a categoria homem marginal, como um aspecto fundante da sociologia brasileira, deixa transparecer de maneira hipotética, um certo incômodo. Esse, foi traduzido no abandono da categoria homem marginal, enquanto elemento característico de sociedades que vivem a margem de um capitalismo periférico, dependente (poder colonial da Europa). Nesse sentido, a leitura deste texto nos conduz a esta inquietação do autor: o abandono da categoria homem marginal nos estudos da sociologia brasileira, esquecendo autores que compõem um campo que veio se construindo e sendo chamado nos últimos anos de epistemologia do Sul.

As matrizes de pensamento em torno do conceito motriz “homem marginal”, propulsiona a elaboração de um método de análise que parte de um campo de estudos que tem suas raízes na escuta atenta dos povos e populações que foram invisibilizadas no contexto de embates entre o tradicional e o moderno, que ora coexistem como tempo contínuo, ora se contradizem.

4. Mapeando categorias analíticas: quando o território gera vivências

As categorias analíticas com as quais pretendo trabalhar são: humano marginal, estrangeiro, terra, sociologia do cotidiano, ecofeminismo, etnicidade, gênero e ecologia política, espaço, temporalidade, duração, memória coletiva. Essas categorias sócio-históricas estão apoiadas em experiências e vivências afetivas e políticas prévias vivenciadas junto à comunidade cigana Calon desde o ano de 2019 no projeto Lutas socioterritoriais e políticas públicas no território cigano calon sousense e organização. A partir destas incursões analíticas, foi possível notar que um dos obstáculos principais que perpassa as lutas socioterritoriais do povo cigano Calon é o anticiganismo, uma das

expressões do racismo ambiental que atravessa o modo como a sociedade ainda percebe as ciganas.

A partir desse categorial analítico, percebido e tecido como um mosaico epistemológico pode-se iniciar sua costura tendo por base a Sociologia da Vida Cotidiana (MARTINS, 2020), essa concepção metodológica reforça a necessidade da etnografia como um método que gera possibilidades de entender a durabilidade, a temporalidade e os ritmos da vida social. Essa compreensão etnográfica (ROCHA, ECKERT, 2013) pode mobilizar uma leitura do cotidiano, como o espaço das narrativas, das imagens, do imaginário. Além de realçar durabilidades, temporalidades, instantes (BACHELARD, 1994; 2007) que desenharam imagens dos/das ciganos/as, como redesenharam em seu imaginário outras imagens que se imprimiram nas fotografias do tempo.

É a partir do imaginário enquanto movimento, que se pode visualizar o povo cigano Calon, como um povo marginal (FERNANDES, 2007) pois foi posto à margem de sua própria existência material e simbólica. Questiono nesse âmbito, se o fato de os povos ciganos viverem a margem do reconhecimento enquanto povo tradicional, e por gerar uma crise psíquica e política, quanto as suas identidades narrativas. Isto é, os ciganos e as ciganas estão ocupando um espaço na cidade, mas há imagens que reproduzem narrativas sobre a ciganicidade. Desse modo os ciganos permanecem nômades, mesmo possuindo regimes de mobilidades e fixações distintas,

Aparece, meramente, como uma de uma série de formas nas quais as mudanças históricas podem ocorrer. No entanto, considerado abstratamente como um tipo de ação coletiva, a de ciganos e outros povos párias, - porque não produzem mudanças importantes na vida cultural, devem ser considerados antes que um fato geográfico, como um fenômeno social. A vida nômade é estabilizada com base no movimento, e mesmo que os ciganos agora viagem de automóvel, eles ainda mantêm comparativamente inalterados a sua antiga organização e os seus costumes tribais. O resultado é que a sua relação com as comunidades, que podem ser encontradas a qualquer momento, deve ser descrita como simbiótica, em vez de social (PARK, 2017, p. 119).

Os ciganos experimentam espacialmente na cidade uma espécie de ambiguidade entre nomadismo e sedentarismo. Essa ambiguidade os situa na margem na margem da ocupação da terra tradicionalmente ocupada (ALMEIDA, 2008). Cabe assim perguntar nesse texto, de entender a racialização do povo cigano como parte de um projeto colonial,

que os silenciou por muito tempo, quanto ao exercício de sua voz, de seus sonhos, de suas narrativas, de suas histórias orais, que por vezes são jogadas ao esquecimento. “O sonho é aí componente, extensão e não crítica e contraponto, da realidade” (MARTINS, 2018, p.70).

Para demarcar um enfoque sociológico e ecofeminista, a pesquisa será guiada no eixo de gênero e meio ambiente pelo pensamento de Loreley Garcia (2017) e pela Sociologia da Vida Cotidiana de José de Souza Martins (2017, 2018, 2020). É a partir dessas pesquisas que partimos a investigar o modo de existência da comunidade Calon, não somente numa perspectiva de compreender as suas tradições e narrativas míticas, mas politizá-las no contexto do território cigano, que resiste para se manter vivo, enquanto sujeito coletivo de direitos sustentado em um território.

Além disso, alia-se a essa base teórica a concepção sociológica e filosófica do ecofeminismo a partir da perspectiva da pensadora Vandana Shiva (1988, 1989, 1993, 2003), que nos possibilita compreender essa problemática de pesquisa sob um horizonte de totalidade, incluindo aspectos de abordagens essencialistas numa perspectiva de cuidado, um saber ancestral comum as mulheres e a Terra Mãe, e complementando criticamente com aspectos de abordagens construtivistas, que questionam o pensamento único, a economia capitalista, o patriarcado que estão na base da lógica de domínio da natureza e da opressão das mulheres. Assim numa via de complementaridade, a ecologia política latino-americana feminista a partir do pensamento de Maristella Svampa (2019) como um projeto de sociedade mundo, de sociedade em movimento que questiona o extrativismo dos recursos naturais associado ao patriarcado.

5. Escutando o campo, criando laços em tempos de pandemia

Foi a campo ouvir, aprender e anotar, ainda que viver (e pesquisar) seja muito perigoso...

José de Souza Martins

Esta pesquisa terá como lócus a Comunidade Calon, pertencente ao Município de Sousa/PB, região do Alto Sertão paraibano, construída pelas histórias, memórias coletivas e sonhos como fontes documentais de pesquisa, sob a perspectiva da Etnografia da Duração (EKERT; ROCHA, 2013) escrevendo uma etnografia da margem, guiada pela perspectiva antropológica do “diálogo para valer” que pode favorecer “a tratar as outras culturas não

como objetos da nossa teoria das relações sociais, mas como possíveis interlocutores de uma teoria mais geral das relações sociais. [...] o objeto do discurso antropológico está no mesmo plano epistemológico que o sujeito desse discurso” (VIVEIROS DE CASTRO, 2017, p. 406).

Como estratégia de pesquisa em termos de método optou-se pelo artesanato intelectual de ideias orientado pela perspectiva crítica da Sociologia da Vida Cotidiana (MARTINS, 2020) e pela imaginação sociológica (MILLS, 2009), e pela compreensão metafilosófica de resíduos em Lefebvre (1965) complementa a visão de *poiesis* “isto é, a partir do residual ele cria uma nova sociologia e uma nova prática sociológica (SOTO, 2018, p. 139). O que não significa impor um ponto de vista científico à Comunidade Cigana Calon, mas tratá-la como sujeito de suas próprias histórias, dar visibilidade aos saberes e práticas diversas, tendo por base um princípio metodológico a compreensão as relações de gênero desde uma perspectiva ecofeminista que inclui a complementaridade entre saberes científicos e saberes ancestrais-territoriais. Tendo exposto isso, cabe saber que, os sentidos atribuídos a terra pela comunidade cigana, desde anciãos, homens, mulheres, crianças.

Dessa maneira, pode se apresentar como se dará o ciclo desta pesquisa, orientando por uma lógica de planejamento aberto e pautada na aceitabilidade dos interlocutores. Os procedimentos de elaboração teórica e metodológica da sociologia da vida cotidiana orientada pelo artesanato intelectual e o exercício da imaginação sociológica serão acompanhados por alguns princípios epistemológica de método: 1 – Consciência dialógica entre observador-observado; 2 – Estar pronto a ouvir; 3 – A atenção social, como processo histórico; 4 – Pôr a história no cotidiano; 5 – A escrita rigorosa, histórica e criativa. A leitura e análise das imagens imaginadas e das fotografias produzidas pelo pesquisador e interlocutores. 6 – Mapeamento dos sonhos como fontes documentais. Essas perguntas estarão associadas a construção de um artesanato intelectual, que é guiado por um conjunto de procedimentos metodológicos tão caros a pesquisa de base etnográfica. Logo,

Como instrumentos para a construção da pesquisa tem-se: 1 – Aproximação da Comunidade Cigana ou liderança em Sousa/PB, aproximação das crianças ciganas; 2 – Mapeamento e identificação das lideranças masculinas e femininas, 3 – Construção de um diário de pesquisa teórico-metodológico para subsidiar a construção do artesanato

intelectual; 4 – Construção de roteiros de entrevistas e escrita da tese conduzidos pelo método de história oral em Silvia Rivera Cusicanqui, pela mesma articular tradição oral em povos tradicionais, imagens e reflexão epistemológica. Tratando-se da,

A história oral neste contexto é, por isso, muito mais que uma metodologia “participativa” ou de “ação”, é um exercício coletivo de desalienação, tanto para o investigador como para o seu interlocutor. Sim neste processo se conjugam esforços de interação consciente entre distintos setores, e sim a base do exercício é um mútuo reconhecimento e a honestidade enquanto o lugar que se ocupa na “cadeia colonial”, os resultados serão tanto mais ricos [...] Por isso, ao recuperar o estatuto cognoscente da experiência humana, o processo de sistematização assume a forma de uma síntese dialética entre dois polos ativos de reflexão e conceitualização, entre dois sujeitos que reflexionam juntos sobre a sua experiência e sobre a visão que cada um tem do outro (RIVERA CUSICANQUI, 1990, p.8)

Além disso, poderá se fazer uso de fontes documentais, fotográficas, áudio-visuais que relatem o contexto da vida cotidiana do povo cigano e do protagonismo feminino pela ecologia política. Pois, “[...] é nos resíduos sociológicos desse peneiramento que está a riqueza da informação visual e que estão os desafios da fotografia às ciências sociais (MARTINS, 2017, p.11).

Integrando essa concepção e delineando pontos de observação, apontamos os objetivos específicos do estudo. Para maior clareza, situamos no Quadro 1, os objetivos com os artefatos metodológicos e adiante a sua descrição. Lembramos que os objetivos apresentados constituem uma aliança entre sociologia e antropologia, tomando como horizonte metodológico uma etnografia da margem, do marginal, salientando, uma concepção cosmopolítica da vida cotidiana “de que esta sociedade – se não toda – não pode ser pensada sem que se incorpore à reflexão sobre ela suas especificidades na maneira de perceber, viver, conceber a passagem do tempo (FREHSE, 2006, p. 315).

Os objetivos estão organizados a partir de uma abordagem socioantropológica, partindo de uma Sociologia do humano simples em sua multidimensionalidade.

Quadro 1: Objetivos da pesquisa

Objetivo geral
Compreender os sentidos imagéticos de durabilidade, temporalidades, ritmos sobre a terra atribuídos a partir de uma leitura crítica e ecofeminista das relações de

gênero acompanhada dos marcadores sociais de diferença de classe, etnia, ancestralidade e sonhos na vida cotidiana da Comunidade Cigana Calon, no contexto do alto sertão da Paraíba.	
Objetivos específicos	Artefatos
(a) Compor uma etnografia marginal da duração da Comunidade Cigana Calon em Sousa/PB a partir dos aspectos gênero-etnia-classe- geração-meio ambiente;	Observação participante e diário de campo e diário imagético e fotográfico.
(b) Entender como a relação com o território perpassa o modo de vida da Comunidade Cigana Calon em Sousa/PB moldando a constituição da sociabilidade cotidiana e os conflitos socioambientais;	Observação participante e diário de campo e diário gráfico; desenho temático dos ranchos dos ciganos; Vivências com as gerações ciganas adultos, idosos e crianças; entrevista sobre o desenho; formulário do/da participante; oficina temática “Qual é a minha história com a terra em que concebo e vivo”
(c) Analisar as experiências ciganas imagéticas, sociais, culturais e ecoterritoriais e seu vínculo com a terra;	Observação participante e diário de campo e diário gráfico; “Elaboração de caderno de pesquisa colaborativo” sobre o cotidiano da Comunidade Cigana.
(d) Compreender pela ecologia política como chave de leitura dos processos de uma dialética da sociologia do espaço dos sonhos.	Catalogar os sonhos numa perspectiva martiniana e bachelardiana numa relação cosmopolítica (Stengers, 2018), tratando-os como materiais a serem interpretados, num horizonte socioantropológico.

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

REFERÊNCIAS:

ALIER, Joan Martínez. **O ecologismo dos pobres**: conflitos ambientais e linguagens de valoração. São Paulo: Contexto, 2018.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faixinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas**. 2.^a ed, Manaus: pgsca–ufam, 2008.

BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante**. São Paulo: Verus Editora, 2007.

BACHELARD, Gaston. **A dialética da duração**. São Paulo: Ática, 1994.

BARTH, F. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: POUTGNAT, P & FENARTSTREIFF, J. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Difel, 2000.

BATISTA, Mércia Rangel; CUNHA, Jamilly. **Os ciganos em Sousa-PB**: Refletindo os modos de ser cigano a partir do atual cenário político brasileiro. Revista Interface de Saberes. V. 1. N. 13. 2017.

BATISTA, Mércia Rejane Rangel; BENTO, Marciana Ferreira. **Os ciganos Calons na região nordeste: um estudo sobre as demandas por acesso aos direitos**. Trabalho apresentado na 31^a Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

BATISTA, M. R. R; GOLDFARB, M. P. L. **Entre idas e vindas, como interpretar o fluxo cigano? Discutindo as compreensões sobre a diáspora e o nomadismo**. In: Reunião Brasileira de Antropologia, 29., 2014, Natal, RN. Anais eletrônicos... Natal, 2014. Disponível em: . Acesso em: out. 2018.

BALZAC, Honoré de. **Tratado da vida elegante**: Ensaios sobre a moda e a mesa / Honoré de Balzac; organização, apresentação, tradução e notas de Rosa Freire D’Aguiar. — 1^a ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016.

EKERT, C.; ROCHA, A. **Etnografia da duração**: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

FERNANDES, Florestan. **Tiago Marques Aipobureu**: um bororo marginal. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, v. 19, n.2.

FREHSE, Fraya. **Potencialidades de uma etnografia das ruas do passado**. Cadernos de campo, São Paulo, n. 14/15, p. 299-317, 2006.

GARCIA, Loreley. **Gênero & Meio Ambiente**. São Paulo: Senac, 2017.

GOLDFARB, M^a Patrícia L. **Memória e etnicidade entre os ciganos Calon em Sousa-PB**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes; BATISTA, Mércia Rejane Rangel. **DOSSIÊ CIGANOS NO BRASIL: um exercício de comparação etnográfica**. *Áltera – Revista de Antropologia*, João Pessoa, v. 2, n. 7, p. 8-15, jul. / dez. 2018.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. **Nômades e peregrinos: o passado como elemento identitário entre os ciganos Calons na cidade de Sousa/PB**. Cadernos de campo, São Paulo, n. 19, p. 1-384, 2010.

GOLDFARB, M. P. L. **Ciganos Calon: a vida em movimento**. In: JUBILIT, Liliana Lyra; REI, Fernando Cardozo Fernandes; GARCEZ, Gabriela Soldano (Eds.). (Org.). *Direitos Humanos e Meio Ambiente: Minorias Ambientais*. 1 ed. São Paulo: Manole, 2017, v. 1, p. 261-278. (Coleção Ambiental).

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Tradução de Fábio Creder. Vozes: Rio de Janeiro, 2015.

LEFEBVRE, Henri. **Metafilosofia**. Trad. R. Corbisier. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967 (1965).

MARTINS, José de Souza. **Uma Sociologia da Vida Cotidiana: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre**. São Paulo: Contexto, 2020.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2017.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. São Paulo: 2018.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira – a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Contexto, 2019.

MONTEIRO, Edilma. **As Crianças Calón:** Uma Etnografia Sobre a Concepção de Infância Entre os Ciganos no Vale do Mamanguape-PB. Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa-PB, 2015.

MONTEIRO, Edilma. **Tempo, Redes E Relações:** Uma Etnografia Sobre Infância E Educação Entre Os Calon. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social UFSC. Florianópolis, 2019.

MOONEN, Franz. **Ciganos Calon no Sertão da Paraíba, João Pessoa:** PR/PB, 1993.

MOONEN, Frans. **A História Esquecida dos Ciganos no Brasil.** Saeculum Revista de História, nº 02, João Pessoa, jul/dez, 1996.

MOONEN, Frans. **Ciganos Calon no Sertão da Paraíba.** João Pessoa, MCS/UFPB, Cadernos de Ciências Sociais, nº. 32, 1994.

MILLS, C. W. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

ORTNER, Sharry. **Making Gender:** the politics and erotics of culture. Boston: Beacon Press, 1996.

PARK, Robert Ezra. **A migração humana e o homem marginal.** Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. Sociabilidades Urbanas - Revista de Antropologia e Sociologia, v. 1.n3, 2017.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **Geografías, movimientos sociales:** nuevas territorialidades y sustentabilidade. Cidade do México: Siglo XXI, 2001.

RIVERA CUSICANQUI, Sílvia. **El potencial epistemológico y teórico de la história oral:** de la lógica instrumental a la descolonización de la história. Temas Sociales, 11: 49-75.

SHIVA, Vandana; MIES, Maria. **Ecofeminismo.** São Paulo: Bertrand, 1993.

SHIVA, Vandana. **Staying Alive:** Women, Ecology and Survival in Índia. London: Zed Books, 1989.

SHIVA, Vandana. **Staying Alive: Women, Ecology and Development**. Nova Delhi: Zed Press, 1988.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. Tradução Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Gaia, 2003.

SIMMEL, Georg. **Sociologia do Espaço**. Revista Estudos Avançados: São Paulo, 2013.

SIMMEL, Georg. **O estrangeiro**. RBSE. Vol. 4. nº 12. dezembro de 2005.

SOTO, William Héctor Gómez. **Sociologia e história na obra de José de Souza Martins**. Revista Sociedade e Estado. V. 31. Número Especial 30 anos. Brasília: 2016.

SOTO GÓMEZ, W. H. **El hombre marginal y la sociología brasileña**. Revista Mexicana de Sociología 81, num. 3 (Julio-Septiembre, 2019): 561-582.

SOTO, W, H. Entre Henri Lefebvre e Karl Marx. In: **A Sociologia Enraizada de José de Souza Martins**. Fraya Freshe (Org.). São Paulo: Com-Arte, 2018.

STENGERS, Isabelle. **A proposição cosmopolítica**. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 69, p. 442-464, abr. 2018.

SVAMPA, Maristella. **As fronteiras do neoxativismo na América Latina: conflitos socioambientais, giro ecoterritorial e novas dependências**. Tradução de Lígia Azevedo. São Paulo: Elefante, 2019.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **“Entrevista com Eduardo Viveiros de Castro”**. In E. Viveiros de Castro, *A inconstância da alma selvagem. E outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2017.

MONTEIRO, Edilma. **Tempo, Redes E Relações:** Uma Etnografia Sobre Infância E Educação Entre Os Calon. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social UFSC. Florianópolis, 2019.